

ECHOS DO IBATÉ



Informativo dos Ex-alunos do Seminário do Ibaté ano 5 - nº18

Editorial

Guardando na retina e no coração

Dia 30 de agosto foi o nosso dia. Dia ensolarado e quente traduzindo o que ia em nossas almas: luz e calor. Luz que iluminava nosso passado fazendo brilhar a saudade, na capela, nos corredores, no dormitório, no pátio, enfim em cada canto da nossa casa onde vivemos dias de muito estudo, lazer e oração e hoje, com certeza, podemos parafrasear o cancionista popular "éramos felizes e não sabíamos". Luz que brilhou nos olhos de cada um de nós ao abraçarmos com força o colega de outrora, reacendendo uma amizade que o tempo não conseguiu apagar. Luz que brilhou em nossas almas quando unidos na Capela, junto ao altar, rezamos e cantamos aos pés da Mãe sorrindo e nos abençoando do alto de seu pedestal. Luz que brilhou nos olhos de nossos pais, esposas, filhos, parentes, extasiados diante do nosso conagração, admirados por nos verem jovens e de espírito renovado.

Calor aquecendo nossos corações e dando-nos a certeza de que não estamos sós, que nossa grande família do Ibaté se firma e cresce e nos anima para os embates da vida. Calor que é fé, esperança e amor.

Descemos a montanha do Tabor e voltamos para a planície do nosso dia a dia, mas tenho certeza, não somos os mesmos, dentro de nós algo mudou e nossa vida recebeu novo alento e a lembrança deste dia memorável nos servirá de força e apoio quando nuvens negras tentarem toldar nossos horizontes.

Ah!, meus irmãos e amigos tudo nos une e nada nos poderá separar. Encontramo-nos com frequência, correspondamo-nos, troquemos alegrias e preocupações, partilhemos os fracassos e os sucessos, amemo-nos uns aos outros e Deus estará no meio de nós. UBI CARITAS ET AMOR, DEUS IBI EST.

A.Barbieri 40-53



Fachada do Seminário do Ibaté

Ecos do III Encontro

O tão esperado dia do nosso III Encontro chegou. A partir das 8 horas no "Largo dos Mendes" começou a movimentação dos ibateanos. Primeiros abraços, muita alegria, distribuição dos crachás, muita confraternização e logo após a formação da vibrante carreta pelas ruas da cidade em direção do nosso Seminário. À frente a sirene da polícia, o carro de som do nosso patrocinador a SCHINCARIOL e a seguir carros buzinando despertando a curiosidade dos cidadãos.

No Seminário um grupo de colegas, juntamente com a Corporação Musical 7 de Setembro e muitos fogos, recebeu a caravana dos ex-alunos.

Diante do Seminário ao som da banda e espocar dos foguetes o coração dos colegas se abriu e o burburinho dos risos, abraços e encontros tomou conta de tudo. O Seminário ganhou vida: Bispos, padres, colegas, familiares e visitantes formavam um só coração. Foi difícil conseguir silêncio para as palavras do Barbieri e o descerramento da Placa Comemorativa: "...E DIZER QUE OS VALORES QUE AQUI DESCOBRIMOS POSSUEM DIMENSÃO DIVINA"



Corporação Musical 7 de Setembro

Após a café o grande cortejo para a Capela para a Santa Missa presidida por D. Décio e concelebrada com D. Gaspar, D. Fernando Penteadó, Côn. Laerte, Pe. Cândido, Pe. Ricardo, Pe. Sabé, Pe. Edmundo da Matta, Pe. Ferreirão, Mons. Getúlio Vieira, Pe. Baroni, Pe. Wilson e o Diácono Brito, cujo tema foi CELEBRAÇÃO DA AMIZADE, DA VIDA E DOS VALORES HUMANOS.

O coral, que ensaiou várias vezes na Igreja da Consolação, vibrante e piedoso sob a regência do Lourenço (Perereca), encheu de harmonia e de encantamento a capela, cantando em polifônico e em gregoriano emoldurando o bellissimo texto da Missa elaborada pela Equipe de Coordenação Litúrgica (Corazza, Furlaneto, Attilio e Lourenço).

Ao Evangelho falou-nos D. Décio que



Os carros em fila seguiram até o Seminário do Ibaté.

abriu espaço para vários colegas se expressassem dando testemunhos de fé e recordando. Até o pai de um dos nossos colegas se expressou com propriedade e deu seu testemunho.

Momento de grande emoção foi a chamada dos que nos deixaram e se encontram na Casa do Pai, a cujos nomes todos diziam: Presente!

Ao final o coral nos brindou com a *Vá Pensiero* cantado por todos os colegas e as vozes fortes tomaram conta do recinto sagrado e mereceram os aplausos e pedidos de bis, de todos. Antes da bênção as palavras do Alfredo Barbieri - PENSANDO e REZANDO que por solicitação dos colegas publicanos adiante para recordação e da irmã de Jesus Crucificado agradecendo e relembrando fatos

Acabada a Santa Missa o pátio, corredores e todo Seminário tomaram vida nova e o delicioso e farto churrasco, regado pela cerveja e refrigerantes do nosso patrocinador SCHINCARIOL tornaram mais afetiva a confraternização.

Do alto do caminhão de som da nossa querida SCHINCARIOL a turma da animação com o Clovis Baroni e o Barbieri e mais os colegas do coral deram um show cantando as músicas do nosso tempo. Não faltou o som do Isaias, do Pepe e seu grupo.

O Serginho Fioravante não deixou por menos e nos brindou com um espetáculo de fogos e de cores, parece que tudo vinha abaixo todos saíram para contemplar. Vibrante! Valeu! Fotografias, filmagens, troca de endereços, bate papo descontraído, gozação, apresentação de amigos e familiares assim foi o tempo correndo naquela tarde quente e ensolarada. Comissão organizadora (põe organização nisso) parabéns. Vocês não imaginam o bem que nos proporcionaram. O sucesso do nosso III Encontro é a recompensa de vocês. Que o Imaculado Coração de Maria encha de sorrisos e realização a vida de vocês. Vamos em frente que o cinquentenário nos espera em 1999.

ACOLHIDA E INAUGURAÇÃO DA PLACA COMEMORATIVA

Voltamos para repetir: **HODIE EST DIES QUAM DOMINUS FECIT NOBIS.**

Sim, este é o dia que o Senhor nos preparou.

Há quatro anos atrás aqui estivemos e declaramos que do ALTO DESTA COLINA TEU CORAÇÃO DE MÃE NOS PREPAROU PARA OS EMBATES DA VIDA. Voltamos há dois anos para celebrar a AMIZADE. Hoje, aqui estamos para DIZER QUE OS VALORES QUE AQUI DESCOBRIMOS POSSUEM A DIMENSÃO DIVINA. Sim, valores que qual novo maná, nos alimentam e fortalecem nos caminhos da vida e nos apontam o infinito.

Não é um saudosismo. É uma volta à fonte para nos reabastecer e partirmos para novos embates. Bispos, padres, leigos somos todos ex-seminaristas do Ibaté irmanados e trazendo nossas famílias.

Em cada canto desta casa vai brilhar uma saudade que conforta o coração.

Bem-vindos à Casa da Mãe, à nossa casa.

Vivamos intensamente estes momentos.

OH ! QUAM BONUM HABITARE FRATRES IN UNUM ! EXULTEMUS!

PENSANDO E REZANDO

O jovem vibrante, esperançoso e idealista, JÁ está curvado ao peso do tempo, MAS nos seus olhos ainda brilha a luz que não se apagará.

A planta que era viçosa JÁ está com as folhas amareladas e caindo, MAS ainda corre em seu caule a seiva da vida bem vivida.

O vigor dos anos JÁ sente as restrições da idade, MAS o coração ainda é jovem e pulsa com amor. A inteligência viva e perspicaz JÁ começa a sentir os lapsos da memória MAS o bem apreendido já se enraizou.

A visão larga de amplos horizontes JÁ sente a limitação MAS enxerga em seu interior a riqueza do saber e da experiência.

O seminarista de outrora, padre, bispo, chamado à hora nona, JÁ sente à hora sexta o cansaço da longa jornada, MAS o ideal ainda pulsa em seu peito.

O ex-seminarista, cidadão, pai de família, profissional dos mais variados ramos, titubeou muitas vezes na vida, MAS a formação que recebeu iluminou de certezas o seu caminhar.

A saudade é a prece: Fica conosco, Senhor, porque a tarde vem caindo, MAS ontem como hoje sentimos abraçar-se-nos o coração quando ouvimos tuas palavras de vida eterna.

Vimos hoje à Casa da Mãe como filhos e irmãos. Trouxemos os Nossos. A família cresceu, MAS destes a todos o alimento que é Teu Filho Jesus e sabemos que o Teu manto é suficientemente grande para nos abrigar a todos. Por isto vimos pressurosos, alegamos-nos, abraçamo-nos, cantamos, atualizamos momentos preciosos, rezamos.

Bonum est nos hic esse. Como é bom estarmos aqui!

"VA, PENSIEIRO SUL'ALI DORATE; VA, TI POSA SUI CLIVI E SUI COLLI..."

Quinzinho (50-56)

E o pensamento de cada um voou por sobre aqueles ares do Ibaté, douando as lembranças que se cruzaram sob o sol de todos. Naquele espaço pisado por pés de meninos que agora demonstram nos cabelos a voracidade do tempo, renasce em cada canto, em cada escada, em cada corredor o desejo de estudar tudo de novo, de dizer as mesmas palavras ditas há trinta anos atrás.

Eu espero, você planeja, ele trabalha, nós nos encontramos, vocês organizam e eles todos se abraçam. E continuando seu vôo, o pensamento de cada um se espalha pelos morros e colinas à volta daquele espaço sagrado. Chegou afinal o momento supremo da Celebração. É uma festa dos sentidos que se consubstancia no olhar que encontra outros olhares daqueles tempos, no abraço dos irmãos que se reúnem para envolverem numa só ternura a fraternidade inesgotável e no afinar dos ouvidos para a degustação das vozes que nunca deixaram as frequências daqueles ares: AMIZADE.

Quem morou numa casa que também era escola aprendeu o convívio salutar com as diferenças: paulistas, mineiros, cariocas; corintianos, tricolores, palestrinos; menores, médios, maiores; craques de bola, craques de estudo, craques do palco; literatos, declamadores, "bandidos"; prefeitos, sineiros, copeiros; cerimonitários, acólitos, tocheiros; recém-chegados, "anjos", concluintes; espanhóis, portugueses, bicho-bicho; alunos, professores, dentista; irmãs, padres, bispos; bitas, paçoca, caridades; padre espiritual, padre ministro, padre reitor. O Encontro agora é daqueles que são ex-alguma coisa mas que nunca deixaram de ter a consciência de uma eleição, de um chamado para a fraternidade fundada no dom mais precioso: A VIDA.

Nunca estivemos sozinhos. Houve sempre uma Mãe de plantão esperando na capela azul-branca para ouvir as queixas dos filhos: único lugar para o qual não se precisava pedir licença para ir. E nesta celebração, estamos acompanhados dos irmãos, das esposas, dos pais, dos filhos e até dos netos (quem diria!); dos bispos que respiraram o mesmo ar que nós; dos padres que nos ensinaram tudo o que sabiam sobre Deus, sobre o homem, sobre a terra, sobre o mar e o ar; acompanhados também aqueles que já se foram mas que são capazes ainda de responder à chamada emocionada do momento especial, que sacraliza tudo o que temos e tudo o que somos. Um encontro assim desperta a curiosidade adormecida na rotina desestimuladora. Ainda bem que há um Boletim que mensalmente impele a mente a transformar a curiosidade em conhecimento: o que fez na vida pós-seminário o Paulo Sebastião? Que disciplina leciona o Getulino em Lorena? Qual a profissão do Antônio Carlos? Qual o verdadeiro nome do Lô, do Vó, do Véio? E o

do Pinduca, do Araçazinho e do Tibúrcio? Por que alguns nunca aparecem? Trabalho? Mágoa? Desinteresse? Ou acaso nada do humano convívio permaneceu na sua história? Conhecidos aqueles que comeram do mesmo pão, da mesma pira e da mesma goiabada guacira, outra função se revela no Encontro: o entendimento. A vida de todos é igual enquanto Dom de Deus mas o que cada um fez dela é um acréscimo de que todos nós temos prazer de participar: VALORES HUMANOS.

Faz seis anos que o nosso pensamento voa sobre os morros do Ibaté, na tentativa de rever a paisagem, re-estimar a amizade, re-vigorar a mensagem, re-viver o que de bom permaneceu por entre aquelas árvores, debaixo daquelas folhas pisadas pela sombra de rapazes que por ali cresceram ao mesmo tempo em que buscavam seu verdadeiro caminho na vida. Hoje, muitos deles, fatigados, tentam pendurar nos galhos receptivos das veredas da piscina, seus livros publicados, suas teses defendidas, suas missas rezadas, suas consultas efetuadas, suas audiências realizadas, os retratos das mulheres amadas, o destino imponderável dos filhos, as preocupações de saúde, a organização do próximo encontro... Depostas as armas do bom combate, é hora do churrasco, do chopp, da conversa, do canto e de alguns deslumbramentos.

Preocupa a ausência: Que terá impedido a presença do Valdevino? Talvez o compromisso do Sidmar tenha sido inadiável. Claro: cada um teve o seu motivo. Mas de algum modo todos estiveram presente: o Latinha, o Soquinho, o Bechano, o Capivara, o Mosquito, o Nundeu, o Jacaré... Todos. Impossível adentrar aquele palco sem lembrar de seus expoentes. Engana-se quem achar possível esquecer pessoas que transformaram o dia de estudo em autênticos espetáculos musicais, literários, esportivos, piedosos. Só um exemplo: houve alguém que, escolhido para integrar o grupo dos doze apóstolos, na cerimônia do lava-pés, em certa semana santa, teve de achar às pressas um esconderijo (Ah! Providencial e abençoado laranja!!!) porque a turma o elegeu o Judas daquela noite... Que sufoco! Mas o propósito de lembrar este episódio foi o de apenas demonstrar que se um dos doze lá esteve no Encontro, com ele estiveram também os outros onze: recordar é presentificar. E todos somos um naquele lugar que teve vida enquanto lá vivemos.

O fascínio do canto gregoriano está precisamente no seu despojamento. Não é necessário acompanhamento já que todos são uma só voz. Convide à unidade, o cantochão é pura poesia sonora desvelando devagar emoções guardadas exatamente para um Encontro. Vem, Espírito Criador, sopra as cinzas do passado para que os olhos cansados do presente re-vejam as brasas míticas do início de nossas vidas. Foi bom começar a vida rezando tanto? Deus e cada um sabem. Bom mesmo é saber que alguns nem rezam mais, outros só de vez em quando, outros mais apenas no dia do Encontro e muitos continuam rezando, sempre. A vida de todos -

orantes ou não - merece respeito. Por isso a Missa do dia também foi um Encontro: com a Palavra, com a fé (muita, pouca ou presumivelmente nenhuma) explícita na reverência, implícita na presença; com alguns familiares, com alguns bispos, com irmãs, com colegas contemporâneos ou não, com padres mas também com o canto, com a mística poesia e, especialmente, conosco.

O coral fez sucesso? Não, aquilo nem é coral de verdade. . . Todos cantaram juntos. Alias, basta ter sido seminarista para saber cantar tudo aquilo. E, para falar a verdade, (o Atílio e o Coelho que o digam) foi um grande "achado": belo pretexto para novo encontro, aos sábados: "Libiamo, libiamo con nostri amici. . .". Naquele momento, porém, nós todos nos tornamos elementos da "schola cantorum". E entoar o "Adoro Te, o Panis Coelice" dependeu muito mais do extraordinário espírito de união que se estabeleceu naquele grupo coeso de pessoas, pensando a mesma coisa, sentindo a mesma vida, do que de "ensaios", treinos ou o que seja. E emoção, muita emoção, expressa na leitura do Barbieri, síntese do que ali acontecia de fraternidade explícita. O resto foi seguir os passos do Baroni, e, de repente, nos vemos no alto de um trio elétrico, com um folheto de letras de música numa das mãos e um copo de chopp na outra. E deu no que deu: Chalavai, rataplã, tim tim quéro, cantiamo, uirapuru, fãria, fãria, ó Ibaté, teus veteranos cantam, bebem, saúdam, confraternizam-se debaixo de um sol de rchar. E onde estamos?

Estamos bem no meio do pátio, ex-campo de alguns ex-craques da bola. Lugar mítico, foi ali que no primeiro Encontro, de 1993, bem no meio desse jardim cujas flores cobrem corridas, defesas, dribles, escanteios, caneladas e gols, foi ali que alguém se aproximou lentamente e, com voz baixa sãda, parecia de um tempo também mítico, confidenciou: "Eu era punça, não jogava bem futebol e você sempre me aceitou no seu time. Obrigado por isso.". Cinco meses depois, guiando o carro em direção ao Salto, aquelas palavras ganharam outro sentido: o da despedida. Só um pensamento martelava o ar: "Vai, Éffori, vai ser craque no céu. Lá você poderá jogar no time dos anjos, poderá fazer jogadas mirabolantes, num campo de nuvens e cuja bola talvez tenha dentro de si o próprio seminário, com tudo aquilo que deixou você amargurado tão fundamentalmente que fez você se desligar de nós precocemente. Chuta, Éffori, chuta esta bola com classe, faz o gol que você sempre quis fazer e será aplaudido por uma galera que jamais chamará você de punça."

São Roque - a cidade - se extasiou diante de uma carreta precedida de fogos e música. As crianças e os velhos das ruas sorriam diante de tantos carros de São Paulo, Santo André, Jundiaí, Salto, Itu, Taubaté, Avaré, Mogi das Cruzes, Lorena e de tantos outros lugares inumeráveis, serpenteando as ruas na velocidade de quem chega e não quer mais voltar. Louve-se a ação de nosso guarda-trânsito, verdadeiro anjo a guiar uma infinidade de ex-novatos querendo começar

tudo de novo.

"L'aure dolci del suolo natal. . ."

Foi bom ter voltado àquele solo onde foram plantadas tantas sementes, hoje árvores fortes, de folhas e de frutos saudáveis. Foi gostoso ter estado de novo ao lado de irmãos, parentes ligados por laços que a própria vida ligou. Mil desejos de ânimo aos componentes da Comissão Organizadora. Continuem firme que o trabalho de vocês é imprescindível. Resta esperar pelo próximo Encontro, para novamente reafirmar os valores da vida, da amizade e do humano. Os ecos do Ibaté ainda estão ressoando nos ouvidos e na memória de todos: amigos para sempre.

NB: Os artigos "O bom de bola" do Osacar de Carvalho, "Tudo vai acabar em pizza" do Wilson Mosca e a continuação das "Memoires" do Marco Polo ficam para o próximo informativo. Este foi dedicado mais aos Ecos do III Encontro.

Continuem enviando para o Barbieri: crônicas, cartas, comentários, sugestões e nosso informativo os irá registrando "ad perpetuum rei memoriam".

NOSSA CORRESPONDÊNCIA

O Justo recebeu do Oscar de Carvalho carta, dizendo: "Tenho recebido com regularidade este bem elaborado "Informativo" que nos transporta no tempo e faz reavivar em nossa memória os momentos felizes vividos em comunidade no saudoso Ibaté, nos anos de 1958 a 1962.

Não sei se algum colega ainda se lembra de mim (exceto o I. Cassiano: "meu irmão", o Isaias, o Pe. Getúlio com quem tive contatos recentes), mas o importante é que tenho recordações inesquecíveis de colegas como o Thomas Toledo (Toledinho), que me ensinou a jogar Ping-Pong e dedilhar algumas notas no piano (que não aprendi); o Isaias, com seu inseparável violão; o meu amigo Valdevino com quem disputei várias medalhas nas proclamações de notas, etc., etc.; meu amigo Carioca que mesmo nos intervalos de 15 minutos, arranjava um jeito de bater uma bolinha de meia no pátio".

Do colega Antônio Carlos Corrêa (Careca): "Caro Justo. Recebi o 14 exemplar do Informativo e quero confessar minha insatisfação, minha indignação: é muito pouco apenas um exemplar! É tão bom o que eu sinto ao ler essas notícias, tomar contato com esse material todo do passado, que, na verdade, não está morto, mas lateja vivo...que estou querendo receber todos os anteriores.

Muita gente citada e que participa de sua confecção eu não conheço. Mas é como se conhecesse O colega Celso Paulo Torres agradece a Mensagem de Páscoa".

Do colega Wolf: "Prezado Justo: Só agora tive a coragem de abrir o "Informativo" n. 14, que estava debaixo da porta... Ao abri-lo confesso me arrepiei, sentindo saudades de todos nós; e de vocês e de mim! Por coincidência, acabei de ler um livro: "Cidades Invisíveis", de Ítalo Calvino, que fala de um

viajante que "reencontra um passado que não lembrava existir". Depois de tantas andanças conclui: "Chega um momento da vida em que, entre todas as pessoas, que conhecemos, os mortos são mais numerosos que os vivos..."

A notícia da morte de D. Constantino, por exemplo, me faz pensar naqueles tempos difíceis de Seminário Menor. Mas peço a Deus o dom de saber perdoar certos lances que me marcaram".

A PROPÓSITO DO NOSSO III ENCONTRO

Ver mais...Unir mais...Ser mais...

José Luiz Brant de Carvalho (50-56)

Lembrar o que? Lembrar por que? Por que lembrar?

Somos o que lembramos e lá em São Roque fizemos um esforço muito grande para que nossas lembranças se tornassem presenças.

"Céu e Mar. Céu e Mar.

No céu um cisco.

Uma palha, no mar".

Era o poema de Cláudio Giordano. (51-57) Me senti um cisco de lembrança e uma palha de presença. A lista dos que foram e a lista dos que ficaram se misturaram em ondas em nuvens.

Era o poema do Brant (50-56) "...a esperança... nunca a pomos onde estamos..." Agora, parece que sempre a pomos onde estamos. É a energia do encontro.

Era o poema do Barelli (51-56) "navio negreiro... que ele transformou em navio dos negros, que ele continua transformando em navio dos empregáveis, em navio de libertação.

Era o poema de todos...ver, unir e ser mais, sempre mais.

Lembrar o que? O sonho continua...e tenho vontade de tornar o nosso seminário de Ibaté em local de peregrinação dos empregáveis. Mestre navegador Atílio (49-55)...

E la nave se vá...

Dedicado ao mestre navegador Atílio (49-55)

Em tempo: O colega José Luiz Brant é esposo da vereadora Ana Maria Quadros.

Encontro de dezembro

Esperamos você para a nossa tradicional *Santa Missa Natalina* no dia 11/12/97, às 19h30 na *Paróquia Nossa Senhora do Carmo* que fica na *rua Brás Cubas, 163 - Aclimação - São Paulo. Telefone para contato - (011) 493 3119 com Cônego Laerte.*

A nova Relação Geral dos Ex-Alunos e Ex-Professores vem aí!

Até o dia 30/11/97, o José Justo (011) 493 3119 ainda espera os dados cadastrais dos colegas. Atualize seus dados com urgência.

Não deixem de se recadastrar!

Flashes do III Encontro

Almeida (63-66)

1. Sexta-feira cedo, véspera do encontro. O Sérgio Fioravante comunica ao Fierro que, na última hora, a SCHINCARIOL se negou a fornecer o chopp. O Fierro durante bom tempo andou de um lado para outro nos corredores do seminário, angustiado, pensando em como solucionar o problema, até que alguém lhe sugeriu que aquilo era pilhéria do Serginho.

2. Segundo tempo, Sexta-feira à noite, o Fierro telefona para a casa do Serginho para dizer-lhe que, até aquele momento, 21:30h, o chopp não tinha sido entregue. O Serginho preocupado tenta inutilmente contatos com a Schincariol. O que teria acontecido? o caminhão saíra de Itu às 16:30h! Depois de alguns momentos preocupantes e várias ligações, alguém, no seminário atende ao telefone e informa que há muito tempo o chopp chegara e que o Fierro, àquela hora, estava em casa dormindo tranqüilo. O Fierro "deu o troco".

3. Sábado à tarde, dia do encontro. Alguém comenta que foi achado um molho de chaves. O Márcio (Paçoca), equilibrando o enésimo caneco de chopp, olha para as chaves e sugere que se anuncie no carro de som.

4. Sábado à noite no seminário, a filha do Romoaldo (zelador do seminário) atende à ligação telefônica, onde alguém pergunta pelo destino dado as chaves encontradas, porque são as da porta da casa do Márcio...

5. Cinco horas da manhã, o relógio toca. José Pedro (Xixa) se levanta e acorda a esposa e as três filhas:

- Levantem rápido para não chegarmos atrasados ao III Encontro em S. Roque!

Depois de grande batalha para acordar as meninas, arrumá-las e alimentá-las, finalmente são acomodadas no automóvel e José Pedro sai de Campinas com a família com destino ao Ibaté.

No caminho, algumas paradas para troca de fraldas e mamadeira induzem o José Pedro a pisar fundo no acelerador para poder chegar a tempo de assistir à missa. Porém, data venia, um guarda rodoviário não pensa assim e, s.m.j., aplica-lhe multa por excesso de velocidade, insensível aos argumentos jurídicos apresentados para justificar a pressa.

Deo gratias, eis que finalmente chegam ao seminário. Já passa das 12:30h, silêncio total! - Todos devem estar ainda na capela, pensa José Pedro.

Tão ligeiro quanto veio, desce do carro e vai a porta principal e constata que ela está trancada. Nisso percebe que alguém mais está chegando atrasado e lança a pergunta:

- Você também veio para o III Encontro ?

E tem a resposta:

- Sim, eu vim, ontem, foi ótimo. Dormi por aqui e estou indo embora.

ATENÇÃO NOSSO ENDEREÇO NA INTERNET:

www.geocities.com/Athens/Delphi/8915

E-MAIL: ibate@base.com.br

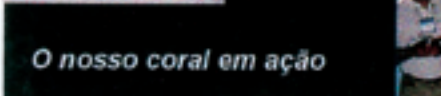
OBSERVANDO: Estiveram presentes à Missa na Capela: 324 pessoas



Concentração para a Santa Missa



Na Santa Missa a emoção tomou conta de todos, ao lembrar os antigos colegas



O nosso coral em ação



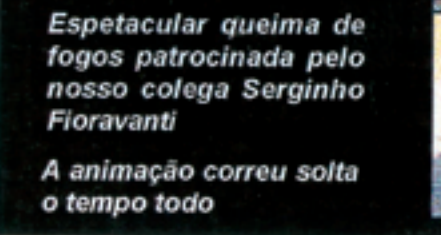
A SCHINCARIOL patrocinou o nosso Encontro



Confraternização regada a chopp, refrigerantes e churrasco



Espetacular queima de fogos patrocinada pelo nosso colega Serginho Fioravanti



A animação correu solta o tempo todo